FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

PEDIÁTRICAS E NEONATAIS

Edição XXIV

Capítulo 10

HESITAÇÃO VACINAL NA PEDIATRIA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO UMA REVISÃO DE LITERATURA

ISABELA PASSOS DE OLIVEIRA[1]
MARIA RENATA GUILHERMETE GUAZZELLI[1]
LARISSA TIANTIAN ZHENG RUAN MAU[1]
MURILO BANDEIRA PISTONI[1]
BRUNO DA SILVA OLIVEIRA[1]
ISADORA PAIVA ABBONDANZA[1]
MARIA DE FATIMA DE CAMPOS MARCIANO[2]

[1]Discente – Medicina na Pontifícia Universidade Católica de Campinas
[2]Docente - Departamento de Pediatria – Medicina na Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Palavras-chave: *Imunização; Desinformação; Pediatria*

DOI 10.59290/978-65-6029-243-7.10

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A vacinação e a imunização são práticas fundamentais para a prevenção de doenças infectocontagiosas. Na população pediátrica, especificamente, há maiores benefícios acerca da vacinação, já que essa é a parcela mais acometida por patógenos com relevância na morbimortalidade e, portanto, demanda maior administração vacinal. No entanto, essa importante forma de prevenção primária enfrenta desafios constantes no cenário atual.

A hesitação vacinal, caracterizada pela recusa ou atraso ao ato de vacinar, tem se consolidado como um grande obstáculo para os sistemas de saúde pública ao redor do mundo, impactando globalmente na disseminação de doenças previamente controladas, a exemplo do Sarampo e da Coqueluche.

Esse comportamento não se restringe a um grupo social específico, atingindo diversas camadas sociais e ocorrendo por diferentes motivações, dentre elas religiosas e socioculturais. Além disso, a veiculação de informações irreais sobre os efeitos colaterais relacionados às vacinas tem grande influência, na escolha dos responsáveis, em não vacinar seus filhos. O fenômeno se tornou tão preocupante que foi inserido como uma das Dez Ameaças à Saúde Global em 2019 pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

A pandemia do COVID-19 agravou esse cenário, intensificando a disseminação de informações falsas e a circulação de conteúdo enganoso com grave e rápida expansão através das redes sociais. Seu impacto foi perceptível na adesão, não somente à vacina contra COVID-19 como às demais vacinas estabelecidas no calendário vacinal.

Diante do observado, é necessário tentar compreender fatores que contribuem com "anti vacina", para que profissionais de saúde consigam recuperar a confiança dos pacientes, combatendo a desinformação e garantindo a cobertura vacinal adequada na população.

Neste capítulo objetivamos discutir os principais fatores que contribuem para a hesitação vacinal, pois a relevância deste tema merece estudos e novas propostas que promovam informações verdadeiras para combate e criação estratégias de enfrentamento eficazes desse cenário.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa realizada no período de abril a maio de 2025, por meio de pesquisas nas bases de dados: PubMed e LILACS e SciELO. Foram utilizados os descritores: "*vaccination hesitancy*", "*disinformation*" e "*pediatrics*", combinados pelo operador booleano *AND*. Desta busca foram encontrados 23 artigos, posteriormente submetidos aos critérios de seleção.

Os critérios de inclusão foram: artigos nos idiomas português, inglês e espanhol; publicados no período de 2020 a 2025; artigos que abordaram como tema central a hesitação vacinal no contexto pediátrico; estudos do tipo revisão, meta-análise e sistemática, disponibilizados na íntegra. Estudos indisponíveis em inglês, português ou espanhol e que não abordaram diretamente a hesitação vacinal no contexto pediátrico foram excluídos.

Após os critérios de seleção, restaram 9 artigos que foram submetidos à leitura minuciosa para a coleta de dados. Os resultados foram sintetizados de forma descritiva, divididos em categorias temáticas abordando: hesitação vacinal como desafio crescente à saúde pública, fatores associados à hesitação vacinal na infância, o impacto da pandemia de COVID-19 na hesita-

ção vacinal, a importância do vínculo profissionais de saúde e população e estratégias de enfrentamento da hesitação vacinal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Hesitação Vacinal como Desafio Crescente à Saúde Pública

A análise dos artigos revela que a hesitação vacinal é um fenômeno multifatorial, presente em diferentes contextos sociais, culturais e geográficos. Entre os principais fatores associados estão a desinformação, o receio de efeitos adversos, a baixa percepção do risco das doenças e a desconfiança nas instituições públicas de saúde (BISWAS *et al*., 2021; GRAHAM *et al*., 2022). Esse cenário não afeta apenas a população geral, mas também os profissionais de saúde, que mesmo tendo papel fundamental na promoção da imunização, por vezes, são influenciados por crenças irracionais e pela desinformação decorrentes do movimento antivacina.

Biswas *et al*. (2021) chamam atenção para um aspecto particularmente preocupante: a hesitação vacinal entre os próprios profissionais de saúde. O estudo revela que fatores como medo de efeitos colaterais e falta de confiança nas decisões regulatórias também impactam até mesmo aqueles tradicionalmente vistos como fontes confiáveis de informação e orientação. Atitudes hesitantes, sobretudo em relação à vacina contra a COVID-19, expõem um paradoxo relevante, considerando que profissionais de saúde são formadores de opinião, no que se refere à imunização especialmente.

Diante desse panorama, torna-se fundamental reconhecer a hesitação vacinal como um fenômeno legítimo, e não como uma simples resistência irracional por parte dos usuários. Cabe aos profissionais de saúde acolherem dúvidas com empatia, promovendo um espaço de escuta ativa que incentiva o engajamento nas decisões em saúde, sobretudo quando se trata do contexto pediátrico, em que a vacinação depende da decisão dos responsáveis pela criança.

Fatores Associados à Hesitação Vacinal na Infância

Diversos estudos reforçam que, na infância, a decisão de vacinar está intimamente relacionada a elementos como desinformação, medo dos efeitos adversos, a baixa percepção do risco de doenças preveníveis e a desconfiança no sistema público de saúde.

Dubé e MacDonald (2020) destacam que a hesitação vacinal não decorre apenas da falta de informação, mas de um conjunto mais amplo de influências socioculturais, crenças irracionais e baixa confiança nas autoridades sanitárias. A hesitação, portanto, deve ser compreendida em sua complexidade, envolvendo múltiplas dimensões que vão além do acesso ou da instrução formal.

A literatura evidencia, ainda, grande variação regional no comportamento vacinal. Esse contexto global heterogêneo pode ser explicado por uma grande diversidade de características locais como: grau de exposição a desinformação, influências políticas e religiosas e escolaridade – este último frequentemente relacionado à tomada de decisão vacinal consciente.

No Brasil, foi investigado o fenômeno entre genitores, em São Paulo e Recife, revelando que a desinformação, o medo de eventos adversos e a baixa escolaridade estão diretamente associados à hesitação (FALCÃO *et al*., 2023). Por outro lado, a confiança no profissional de saúde e o esclarecimento obtido durante as consultas mostraram-se fatores protetores relevantes.

Em revisão sistemática global, Cascini *et al*. (2021) confirmam a heterogeneidade dos fatores envolvidos na hesitação vacinal, destacando a necessidade de estratégias ajustadas às realidades locais. De forma semelhante, a análise do

cenário europeu por Graham *et al*. (2022) revelou que populações com menor acesso à informação de qualidade demonstram maior hesitação. Sugere-se, com isso, que a comunicação clara, a transparência governamental e a atuação de profissionais confiáveis e atualizados são essenciais para garantir a aceitação vacinal.

O Impacto da Pandemia de COVID-19 na Hesitação Vacinal.

A pandemia de COVID-19 intensificou significativamente os desafios relacionados à vacinação, evidenciando a vulnerabilidade dos sistemas de saúde frente à disseminação em massa de conteúdos falsos. A interrupção de atendimentos presenciais, o afastamento da população dos serviços básicos e a rápida veiculação de desinformação contribuíram para o aumento expressivo da hesitação. Tal cenário comprometeu décadas de avanços na cobertura vacinal, com repercussões importantes na reemergência de doenças como sarampo, coqueluche e poliomielite (OTA *et al*., 2021).

Durante a pandemia de COVID-19, a hesitação vacinal ganhou novas dimensões. Troiano e Nardi (2021) exploram os principais desafios enfrentados nesse período, como o desenvolvimento acelerado das vacinas, a intensa circulação de informações falsas nas redes sociais e a crescente polarização política. Os autores ressaltam a importância da comunicação clara e baseada em evidências para combater o ceticismo e recuperar a confiança da população.

Ota *et al*. (2021) destacam que a pandemia impactou fortemente os programas de imunização de rotina em diversas partes do mundo, sobretudo em países de baixa e média renda. A suspensão temporária de campanhas, o medo de contaminação nos serviços de saúde e a priorização da resposta à COVID-19 contribuíram para quedas abruptas na cobertura vacinal infantil, comprometendo décadas de avanços no controle de doenças imunopreveníveis.

A Importância do Vínculo Profissionais da Saúde e População

A relação entre profissionais de saúde e pacientes, especialmente no contexto pediátrico, assume um papel estratégico na redução da hesitação vacinal. Como os responsáveis legais são os principais tomadores de decisão no que se refere à saúde em geral da criança, especialmente na decisão de vacinar ou não seus filhos, a construção de um vínculo de confiança torna-se essencial para o sucesso das ações de imunização.

Nesse sentido, a escuta qualificada, o acolhimento de dúvidas e a comunicação empática durante as consultas, são ferramentas valiosas no combate da hesitação vacinal. Falcão *et al*. (2023) reforçam que o vínculo estabelecido entre o profissional e a família, contribui diretamente para o aumento da adesão ao calendário vacinal, atuando como elemento mediador entre a informação técnica e a tomada de decisão prática.

Estratégias de Enfrentamento da Hesitação Vacinal

Diante da complexidade do fenômeno, as estratégias de enfrentamento da hesitação vacinal devem ser múltiplas, personalizadas e sensíveis às especificidades de cada comunidade. A literatura mostra que intervenções generalizadas tendem a ter menor impacto, especialmente quando desconsideram as influências culturais e regionais sobre a decisão vacinal.

As abordagens de enfrentamento foram avaliadas em diversos artigos, indicando maior impacto quando realizadas de maneira multifatorial e personalizada. Intervenções generalizadas e unilaterais tendem a ter menor impacto, especialmente quando desconsideram as especificidades culturais e regionais (DUBÉ *et al*. 2022).

A partir da análise de revisões sistemáticas, Dubé, Gagnon e MacDonald (2022) sintetizam

as principais estratégias efetivas para enfrentar a hesitação vacinal. Estas incluem: campanhas educativas baseadas em evidências; comunicação empática e personalizada com pacientes e familiares; uso ético das redes sociais; engajamento de líderes comunitários e capacitação contínua dos profissionais de saúde como abordagens de maior impacto.

Portanto, a educação em saúde deve ser contínua e recorrente, incorporando ações informativas tanto em ambientes escolares como comunitários. O investimento em campanhas de esclarecimento e a formação crítica do público quanto às fontes de informação são medidas essenciais para enfrentar esse cenário. Por fim, a transparência nas ações dos governos, a comunicação pública clara e o fortalecimento institucional são medidas fundamentais para restaurar a confiança da população e garantir altas coberturas vacinais.

Em suma, os estudos revisados apontam, de forma unânime, que o fenômeno ultrapassa a simples recusa vacinal, estando frequentemente associado à desinformação, à desconfiança institucional, à influência de redes sociais e à percepção individual de riscos e benefícios. Dessa forma, para enfrentar a hesitação vacinal exige-se uma resposta ampla, planejada e sensível às particularidades de cada população.

CONCLUSÃO

A hesitação vacinal consiste em um fenômeno complexo, dinâmico e global, que representa uma ameaça concreta à saúde pública, especialmente à saúde infantil. Sua intensificação no período pós-pandêmico evidência não apenas os impactos da desinformação, mas também fragilidade nos vínculos entre população e serviços de saúde.

Embora a vacinação seja uma das estratégias de prevenção mais eficazes da medicina moderna, sua efetividade depende não apenas da disponibilidade de vacinas, mas também da confiança da população em sua segurança, eficácia e na credibilidade das instituições de saúde. Os fatores que influenciam a hesitação são multifatoriais e variam conforme o contexto sociocultural, político e histórico, exigindo respostas igualmente diversas, sensíveis e embasadas.

A revisão da literatura aponta que estratégias bem-sucedidas no enfrentamento da hesitação vacinal envolvem comunicação transparente e empática, educação em saúde contínua, combate ativo à desinformação e fortalecimento do vínculo entre profissionais de saúde e comunidade. No cenário pediátrico, faz-se urgência na escuta ativa e no acolhimento das famílias, que são ferramentas imprescindíveis para promover a adesão ao calendário vacinal e reverter o declínio das coberturas vacinais observadas atualmente. Além disso, o enfrentamento envolve comprometimento e abordagem de forma ampla, intersetorial e contínua.

Enfrentamento à hesitação vacinal requer compromisso coletivo, porém sustentado entre gestores, profissionais e sociedade civil, com vistas a garantir a manutenção de um direito fundamental: saúde e proteção das crianças contra doenças graves imunopreveníveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISWAS, N. *et al*. The nature and extent of COVID-19 vaccination hesitancy in healthcare workers. Journal of Community Health, New York, v. 46, n. 6, p. 1244–1251, 2021. DOI: 10.1007/s10900-021-00984-3.

CASCINI, F. *et al*. Attitudes, acceptance and hesitancy among the general population worldwide to receive the COVID-19 vaccines and their contributing factors: A systematic review. EClinicalMedicine, [S. l.], v. 40, 2021.

DUBE, E.; GAGNON, D.; MACDONALD, NE. Strategies intended to address vaccine hesitancy: Review of published reviews. Human Vaccines & Immunotherapeutics, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 1–9, 2022.

DUBÉ, E.; MACDONALD, NE. Vaccine acceptance: barriers, perceived risks, benefits, and irrational beliefs. Annual Review of Public Health, Palo Alto, v. 41, p. 175–196, 2020. DOI: 10.1146/annurev-publhealth-090419-102240.

FALCÃO, JM. *et al*. Vaccine Hesitancy among Parents in Brazil: Results from a Cross-Sectional Survey in São Paulo and Recife. International Journal of Environmental Research and Public Health, [S. l.], v. 20, n. 6, p. 6204, 2023.

GRAHAM, J.; BROWN, R.; HARRIS, E. *et al*. Prevalence of pain and fear as barriers to vaccination in children. Vaccine, [S.l.], v. 40, n. 38, p. 5699–5708, 2022. DOI: 10.1016/j.vaccine.2022.06.052.

KEMPE, A.; ZIMET, G.; HUMISTON, S. *et al*. Prevalence and characteristics of HPV vaccine hesitancy among parents of adolescents 11–17 years of age in the United States. Vaccine, [S.l.], v. 38, n. 34, p. 5391–5398, 2020. DOI: 10.1016/j.vaccine.2020.06.074.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Ten threats to global health in 2019

OTA, MOC. *et al*. Impact of COVID-19 pandemic on routine immunization. Annals of Medicine, [S.l.], v. 53, n. 1, p. 2286–2297, 2021. DOI: 10.1080/07853890.2021.2009128.

TROIANO, G.; NARDI, A. Vaccine hesitancy in the era of COVID-19. Public Health, [S.l.], v. 194, p. 245–251, 2021. DOI: 10.1016/j.puhe.2021.02.025